

História, estórias e memórias mineiras em Guimarães Rosa

Francis Paulina Lopes da Silva*

Resumo

Leitura de aspectos da cultura popular, presentes no processo de construção ficcional de Guimarães Rosa, o “contista de contos críticos”, que confessara: “Não preciso inventar contos, eles vêm até mim”. Pela alquimia da palavra em seu estado primitivo, a fusão do real e ficcional como obsessiva defesa de que “a legítima literatura deve ser vida”. A multiplicação do imaginário rural mineiro na narrativa rosiana, especificamente, em contos de **Tutaméia** e **Ave, Palavra**. História e estória no cotidiano do povo do sertão mineiro. Pelo jogo da memória narrativa popular, a construção da identidade cultural sertaneja e a recriação do mito: “No sertão, o homem é o *eu* que ainda não encontrou o *tu*: por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua”.

Palavras-chave: Ficção; Memória; Cultura popular; Guimarães Rosa; Imaginário.

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. Se o confirmo, é sem quebra de pejo, pois de mim, sei, compareço, ante quase tudo, como espécime negativo. (ROSA, 1995b, p. 1.161)

A linguagem ficcional de Guimarães Rosa representa, no percurso da Literatura Brasileira uma significativa ruptura com o discurso vigente, que, segundo Eduardo Coutinho, encerra uma “(...) proposta estético-política de caráter mais amplo (...) expressa em premissas, formuladas pelo próprio autor (...) como a de que ‘o escritor deve ser um alquimista’ e de que ‘somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo’” (COUTINHO, 1994, p. 12-13).

* Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Centro Universitário de Caratinga, Universidade Federal de Viçosa.

sua experiência por meio da busca que empreende da forma de narrar tais experiências, o autor do romance realiza uma demanda semelhante da perfeição artística, e, ao fazê-lo, “alça”, mais uma vez nas palavras de Franklin de Oliveira, “a crítica da vida feita pela arte à condição de poder revolucionário sem precedentes”, por indicar que “os caminhos que conduzem à liberdade passam pelo território da beleza” (COUTINHO, 1970, v. 5, p. 446).

Abstract

Based on the treatment Guimarães Rosa gives to language in his works, particularly in **Grande sertão: veredas**, we examine in this paper the meaning and function of the “linguistic revolution” accomplished by the author and the consequences of such a “revolution” upon the figure of the reader, who comes to be seen as a co-participant of the writer’s creative process.

Key words: Rosa’s fiction; Linguistic revolution; Role of the reader.

Referências

- BRASIL, Francisco de Assis. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1969.
- CAMPOS, Augusto de. Um lance de ‘dês’ do **Grande sertão**. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 321-349.
- COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. 2. ed. 6 v. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1970. v. V Modernismo.
- COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. Coleção “Fortuna Crítica”, n. 6.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. O verbo e o logos. Discurso de Recepção de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras. In: **Em memória de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 89-106.
- GERSEN, Bernardo. Veredas no **Grande sertão**. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 350-359.
- HARSS, Luis; Dohmann, Barbara. **Into the mainstream: conversations with Latin American writers**. New York: Harper & Row, 1967.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 62-97. Coleção “Fortuna Crítica”, n. 6.
- OLIVEIRA, Franklin de. Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **A literatura no Brasil**. 2. ed. 6 v. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1970. v. V Modernismo. p. 402-448.
- PORTELLA, Eduardo. Um romance síntese. **Correio da Manhã** [Rio de Janeiro], 1 dez. 1956, 1º Cad., 10.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 2. ed. [Texto definitivo]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

História, estórias e memórias mineiras em Guimarães Rosa

Francis Paulina Lopes da Silva*

Resumo

Leitura de aspectos da cultura popular, presentes no processo de construção ficcional de Guimarães Rosa, o “contista de contos críticos”, que confessara: “Não preciso inventar contos, eles vêm até mim”. Pela alquimia da palavra em seu estado primitivo, a fusão do real e ficcional como obsessiva defesa de que “a legítima literatura deve ser vida”. A multiplicação do imaginário rural mineiro na narrativa rosiana, especificamente, em contos de **Tutaméia** e **Ave, Palavra**. História e estória no cotidiano do povo do sertão mineiro. Pelo jogo da memória narrativa popular, a construção da identidade cultural sertaneja e a recriação do mito: “No sertão, o homem é o *eu* que ainda não encontrou o *tu*: por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua”.

Palavras-chave: Ficção; Memória; Cultura popular; Guimarães Rosa; Imaginário.

Sendo assim, o mineiro há. Essa raça ou variedade, que, faz já bem tempo, acharam que existia. Se o confirmo, é sem quebra de pejo, pois de mim, sei, compareço, ante quase tudo, como espécime negativo. (ROSA, 1995b, p. 1.161)

A linguagem ficcional de Guimarães Rosa representa, no percurso da Literatura Brasileira uma significativa ruptura com o discurso vigente, que, segundo Eduardo Coutinho, encerra uma “(...) proposta estético-política de caráter mais amplo (...) expressa em premissas, formuladas pelo próprio autor (...) como a de que ‘o escritor deve ser um alquimista’ e de que ‘somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo’” (COUTINHO, 1994, p. 12-13).

* Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Centro Universitário de Caratinga, Universidade Federal de Viçosa.

Pela pesquisa atenta à dinâmica de cada palavra, buscando acordá-la em seu estado primitivo, Rosa defende a fusão de real e ficcional. Obsessivamente, assume a defesa de que uma literatura precisa ser viva, para que se possa legitimar. E essa riqueza existencial traduzida poeticamente vem da atração natural pela fábula – tendência comum aos do sertão –, como o próprio Rosa confessa, em entrevista a Günter Lorenz:

Veja você, Lorenz, nós, do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua e narra estórias que correm por nossas veias e penetram em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. (1995a, p. 33)

Assim, o leitor de Guimarães Rosa se contagia por esse fascínio pelas “estórias” inventadas e aprendidas dos ancestrais, expressão da memória que se divulga nos sertões, pelo real e ficcional. Por seus apontamentos, lápis, coração e ouvido atentos às narrativas míticas e mágicas do povo rude, Rosa soube autenticar cultural, filosófica e literariamente, o discurso da alteridade, ao eleger, principalmente, o agreste, o diferente, o inesperado, na caracterização humana, geográfico-regional.

ROSA E O IMAGINÁRIO DOS GERAIS

A multiplicação do imaginário rural mineiro na narrativa rosiana funde História e estória do cotidiano do povo do sertão mineiro. Entretanto o narrador de **Tutaméia** (1995b, p. 519-526) opta pelo ficcional, anedótico: “A estória não quer ser História. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota” (ROSA, 1995b, p. 519).

Em “Aletria e hermenêutica”, Guimarães Rosa serve-se do sentido ambíguo da palavra “graça”, como “gracejo, dom sobrenatural e de atrativo”, na apresentação das “anedotas” de **Tutaméia** – um verdadeiro tratado sobre a sua própria arte ficcional –, lembrando as várias formas do *humour* na prática da arte, em que comicidade e humorismo atuam como “catalisadores ou sensibilizantes ao alegórico espiritual e ao não-prosaico (...)”, já que o efeito inesperado, provocado pelo chiste “(...) escancha os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para novos e mágicos sistemas de pensamento” (ROSA, 1995b, p. 519).

Assim Rosa justifica o seu jeito inovador e avesso a padrões lógico-formais, de captar e registrar, à sua maneira, o imaginário da gente sertaneja, que revela a

vida palpitante: “(...) o não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria. A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas” (ROSA, 1995b, p. 519).

Realmente, o próprio viver é uma experiência ilógica, suas linhas tortuosas de mistério e paixão, a tal ponto que, em **Grande sertão: veredas**, incapaz de encontrar sentido e respostas para a dura realidade com a qual, a cada instante se depara, ao narrar sua travessia existencial, o jagunço Riobaldo tão bem resumia: “Viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 1995b, p. 13).

Rosa, em suas estórias, assimila e reinventa a história real do homem do sertão. Sugere ao leitor uma nova travessia, uma viagem pelo imaginário popular, conduzindo-o pela palavra alegórica, mágica, mas também lúcida, em seu processo de reinvenção. Ao percorrer e recontar os casos do sertão, também ele vai revelando e recriando, no discurso da memória popular, o universo existencial do “homem humano” (ROSA, 1995b, p. 385). O sertão, lugar do inóspito e desconhecido, torna-se metáfora do outro ser-tão que vive dentro do ser humano, essa região quase inexplorada, do mistério de cada indivíduo, recriada pelo espaço artístico do discurso popular, tornado mágico e poético pelo “alquimista da palavra” (Cf. COUTINHO, 1995, p. 11).

Ao tratar de seu processo de construção ficcional, o próprio Guimarães Rosa confessara a Günter Lorenz o fascínio pela matéria fabulosa da vida cotidiana: “Não preciso inventar contos, eles vêm a mim, me obrigam a escrevê-los. (...). Isto me acontece de forma tão conseqüente e inevitável, que às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo. É tão imperativo...” (ROSA, 1995a, p. 35).

Em “Aletria e hermenêutica”, Rosa sugere pistas para a decifração da poética de suas “Terceiras estórias”, enredando o leitor na travessia e pela alma do sertão:

Por onde, pelo comum, poder-se corrigir o ridículo ou o grotesco, até levá-los ao sublime; seja daí que seu entrelimite é tão tênue. E não será esse um caminho por onde o perfeitíssimo se alcança? Sempre que algo de importante e grande se faz, houve um silogismo inconcluso, ou, digamos, um pulo do cômico ao excelso. (ROSA, 1995b, p. 525)

Esse processo de reflexão sobre os mistérios mais profundos da vida humana vem sendo engendrado, nos seus textos, por meio dos fatos do cotidiano – tantos destes, grotescos, como o sertão inóspito – que Guimarães Rosa traduz em obras de arte, pelo rearranjo poético. Essa postura poética, aqui evoca noções da teoria **Do grotesco e do sublime**, apresentada no “Prefácio de **Cromwell**” (1827), de Victor Hugo, que Rosa, à sua maneira própria, traduz à imagem e semelhança de sua concepção de Brasil e de mundo:

(...) a musa moderna verá as coisas com um olhar mais elevado e mais amplo. Sentirá que tudo na criação não é humanamente *belo*, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz. Perguntar-se-á se a razão estreita e relativa do artista deve ter ganho de causa sobre a razão infinita, absoluta do criador, se cabe ao homem retificar Deus; se uma natureza mutilada será mais bela; se a arte possui o direito de desdobrar, por assim dizer, o homem, a vida, a criação, se cada coisa andarás melhor quando lhe for tirado o músculo e a mola; se, enfim, o meio de ser harmonioso é ser incompleto. (HUGO, 2002, p. 26)

Com essa postura crítica, também Rosa defende a concepção de uma literatura, capaz de olhar preferencialmente para as margens, ao assumir o papel do criador, que elege prioritariamente as criaturas marginais como personagens principais. O autor dos gerais sem tamanho vai captar com sensibilidade e delicadeza o que há de mais belo naquelas personagens consideradas grotescas, pela lógica racionalista dominante, atraindo a simpatia do leitor para os pequenos e frágeis, como velhos e crianças; os bestiais e excluídos pela sociedade moralista e seletiva: vaqueiros, jagunços, assassinos e indivíduos de conduta questionável. São os anti-heróis da modernidade, de quem o ficcionista recolhe virtudes e vícios, unindo o grotesco ao sentimento do belo – como que revelando uma outra face poética da identidade do mundo sertanejo, em sua cultura e tradição, em sua linguagem e lógica diferenciada daquela do centro, do poder.

E assim, nas anedotas de **Tutaméia**, Rosa vai elencando a sabedoria popular, que encerra máximas como: “O pior cego é o que quer ver” – em “Antiperipléia” (ROSA, 1995b, p. 529); “Foram infelizes e felizes, misturadamente” – em “A vela ao diabo” (ROSA, 1995b, p. 537). Dentre tantas outras máximas, um aforisma resume o pensamento poético desse “homem do sertão”: “(A violeta é humildezinha, apesar de zigomorfa; não se temam as difíceis palavras)”, em “Sobre a escova e a dúvida” (ROSA, 1995b, p. 675).

Também em “Faraó e a água do rio”, o narrador rosiano encerra a estorieta, registrando poeticamente o sentimento de Senhozório, de amor às raízes, de apego à paisagem rural: “Dali via o rumo do Riachão, vão, veio à beira, onde as árvores se usurpam. A água – nela cuspiu – passante, sem cessação. – *Quando um dia um for pra morrer, há-de-ter saudade de tanta coisa...* – ele só se disse, pegou o mugido do boi, botou no bolso. Andando à toa, pisava o cheiro de capins e rotas ervas” (ROSA, 1995b, p. 577).

Enfim, ao reconhecer que “No sertão, o homem é o *eu* que ainda não encontrou o *tu*: por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua” (ROSA, 1995a, p. 50), Rosa traduz a sua cumplicidade com esse universo mítico e mágico que ele, artífice da palavra e de olhar e ouvido atentos, soube capturar com destreza e paixão.

MEMÓRIA, IDENTIDADE CULTURAL E RECRIAÇÃO DO MITO

“Quem cresce em um mundo que é literatura pura, bela, verdadeira, real, deve algum dia começar a escrever, se tiver uma centelha de talento para as letras” (ROSA, 1995a, p. 35). Essa é a leitura que Guimarães Rosa faz do sertão. Considera-o um campo fértil e propício à inspiração do ficcionista, pela riqueza de seus temas e linguagem, só exigindo ao autor a sensibilidade para capturar a poesia natural das muitas histórias vividas e imaginadas pelo homem das gerais.

Entretanto, ainda no depoimento a Günter Lorenz, ao afirmar: “Não, não sou romancista; sou um contista de contos críticos” (ROSA, 1995b, p. 35), Rosa insiste em seu posicionamento crítico – da vida e da cultura, em favor do homem – que ele traduz em sua produção literária. Esse mesmo “homem do sertão”, que sempre insistia em referir-se às origens mineiras, Cordisburgo, fora também o diplomata brasileiro cuja atuação provocara Hitler, salvando a vida de muitos judeus... Em seu olhar universal sobre o homem, a cultura e a arte, o escritor persegue a identidade, a alma do sertão, fundindo o real e a fábula, razão e imaginação.

É justamente nesse espaço entre razão e imaginação que emergem as historietas, os casos populares, que Guimarães Rosa recolheu, acrescentando-lhes, no tempero da linguagem poética, a sua nota crítica e metafísica. Reunindo elementos da contística popular, ele oferece ao leitor-ouvinte uma leitura refinada do mundo sertanejo dos gerais, pequeno em sua rusticidade e, ao mesmo tempo infinito, “sem tamanho” (ROSA, 1995b, p. 11), em sua riqueza e diversidade.

Maria Arminda do Nascimento Arruda, na obra **Mitologia da mineiridade**, afirma que: “O imaginário mineiro pronto e elaborado – a mineiridade – que remanesce, por certo, no manancial da história de Minas, superpôs ao tempo inerente à vida o seu próprio tempo, esquadrinhando portas alheias” (1990, p. 87). Esse tempo mítico, sempre presente nos relatos populares, vem resguardando os saberes do povo, muitas vezes, como uma forma de resistência a modelos culturais dominantes. Na simplicidade narrativa, no enredo aparentemente destituído de complexidade, muitas vezes, configurando-se mais como um “Desenredo”, Rosa – atento observador das artes narrativas do sertão – insiste em resgatar e transmitir o aspecto simbólico e mítico do imaginário e da linguagem populares. Cria formas narrativas investidas do tom de suspense e mistério, de fina ironia, a conter, por vezes, o riso fino e brejeiro do contador dos casos sertanejos. É a sua forma de dar voz e vez ao outro, priorizando o diferente, ao marginal.

Núbia Gomes e Edimilson Pereira enfatizam a tendência expressiva à subversão e ruptura que a cultura popular exerce sobre os sistemas dominantes:

Os elementos da cultura popular resistem à imposição da norma culta, escapam-lhe ao controle, parecendo desaparecer aqui e renascendo lá, num processo dinâmico de

recriação. A ideologia do povo, isto é, seu sistema de representações (idéias e valores) não coincide com o esquema conceptual da classe dominante. (GOMES; PEREIRA, 1992, p. 74)

Assim são essas narrativas rosianas: formadas de uma tessitura capaz de investir-se das maneiras narrativas, da fala sertaneja, e, mesmo acrescentando-lhes os matizes do saber culto, resgata e resguarda os valores e a vitalidade que ele mesmo apreendera do saber popular. Essa tendência já se percebe na própria maneira rosiana de iniciar as histórias, como em “Desenredo”:

Do narrador a seus ouvintes:

— Jô Joaquim, ciente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Lívia Rivília ou Irvília, a que nesta observação, a Jô Joaquim apareceu. (ROSA, 1995b, p. 555)

Captando a malícia do discurso machista dos velhos contadores de histórias do sertão, pela introdução crítica do narrador, Rosa interpreta a concepção do imaginário popular sobre a eterna temática da sedução feminina. A alusão ao tema bíblico da tentação de Eva a Adão, no Paraíso, já induz o leitor à expectativa de um final “feliz” para a mulher, esposa ardilosa. Realmente, ao fim da trama, em que se enredavam ela, o amante (ou amantes?) e o marido traído, Jô Joaquim, o narrador aponta uma saída satisfatória para o casal: “Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro.” (ROSA, 1995b, p. 556). O casal se reconcilia, vivem felizes para sempre e, ironicamente, a história termina por desenredar-se, conforme conclui ironicamente o narrador, “E pôs-se a fábula em ata” (ROSA, 1995b, p. 557).

Muitas dessas histórias dialogam de variadas maneiras, com o modelo clássico dos contos da carochinha, sempre, porém, dando o tom da diferença criativa e irônica do narrador rosiano, como em “Fita verde no cabelo”, releitura do popular “Chapeuzinho Vermelho”, que assim se inicia:

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo. (ROSA, 1995b, p. 981)

Essa nota crítica que já pressupõe um discurso diferente daquele da tradição e antecipa algum final mais realista, mas próximo à realidade cotidiana, confirma a marca da ruptura, da sua identidade de mineiro contador dos casos do sertão, de que ele se reconhecera como sendo homem em “estado minasgerais”: “... pois de mim, sei, compareço, ante quase tudo, como espécime negativo” (p. 1.161).

Assim, o leitor de Guimarães Rosa é induzido a repensar marginalmente, como “espécime negativo”, a vida e o mundo que o envolvem, repensando a palavra. A refletir sempre, transformando-se de mero consumidor a participante ativo do processo criador. “Toda ação principia mesmo é de uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo”. O leitor é desafiado a tornar-se um desbravador, a perseguir sentidos, a partir da própria palavra reestruturada, incômoda, questionadora.

Em “Barra de vaca”, uma das anedotas de **Tutaméia**, por exemplo, uma dessas palavras “pegantes” surpreende. Em meio à narrativa, surge o comentário: “E aquela aldeiazinha produziu uma idéia” (1995b, p. 545) sugerindo, mais do que uma simples observação, uma forma do narrador rosiano ler a realidade do povo rude da aldeia do sertão, enquanto sujeito de sua própria História. Nessas palavras, depreende-se a sensibilidade do Rosa, também sertanejo, para ler o sentido de grupo. Apresenta-os como agentes transformadores da realidade, capazes de “produzirem uma idéia”, em benefício de todos do lugar, quando a presença de um estranho – que, mais tarde, souberam ser um jagunço perigoso – ameaçava-lhes a vida pacata.

Também, interpretando o pensamento crítico e irônico do sertanejo – homem das Gerais, contador de estórias, na “Estória n. 3”, o narrador rosiano assim narra a tragédia da vingança de Joãoquerque, ao matar Ipanemão, o vilão que o humilha:

Joãoquerque, porém, o rodeou, também lhe pediu – *Olhe!* – baixo, e, erguendo com as duas mãos o machado, Braz! Rachou-lhe em duas boas partes os miolos da cabeça. Ipanemão, enfim, em paz. Até aquele dia ele tinha sido imortal; perdeu as cascas. Os outros, viu-se, nem de leve fugiram, gritaram somente por misericórdias, consoante não deviam proceder. (ROSA, 1995b, p. 569)

E como que resgatando o jeito sertanejo de expressar a fina sabedoria que a vida ensina, assim o narrador comenta o desfecho da tragédia, analisando as reações e o pensamento do “herói”:

Joãoquerque se sentou, fez porção de caretas. Nunca aprendera a não cuspir, não podia mais com tantas causas. Que quer dizer: os pés no chão, a mão na massa, a cabeça em seu lugar, os olhos desempoeirados, o nariz no que era de sua conta. (ROSA, 1995b, p. 570)

Essas palavras conclusivas refletem bem o código do sertão, de honra e valentia, e ainda a leitura bem-humorada das lições do cotidiano.

Esse discurso rosiano, poético, singular, memória do mundo mítico das gerais, resume, mais que uma vocação literária, um ideal humanístico, que ele mes-

mo assim justificava: “Minha língua, [...] é a arma com a qual defendo a dignidade humana” (1995a, p. 52).

Nesse sentido, Luis Fernando Veríssimo (1998) resumiu com propriedade o valor desse escritor para a cultura nacional:

Como nenhum outro, Rosa comprovou a platitude que todo o mundo está no nosso quintal, só que o quintal dele já era um mundo tão rico e dramático que nem precisaria evocar o resto. Foi ao mesmo tempo o nosso escritor mais regional e mais universal, mais arcaico e mais moderno [...]. (p. 76)

No conto de *Ave, Palavra* intitulado “Cartas na mesa”, Guimarães Rosa afirmava que: “Toda vida humana é destino em estado impuro” (ROSA, 1995b, p. 1139). Essa também é a lei do sertão, onde se cruzam todas as possibilidades, e onde tudo se confere como parte da travessia. Assim Rosa fez da literatura uma forma de constante reflexão sobre a arte perigosa de viver, como ele observara, ainda na entrevista a Günter Lorenz (1995):

Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve. (p. 48)

Por isso, ele próprio elegeu como lugar primordial o sertão, com sua amplitude, seus mistérios e desrazões, como ele mesmo afirmara: “Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão” (ROSA, 1995a, p. 49).

E a linguagem foi o instrumento de rotina que ele manipulou para aproximar também o leitor desse mundo primordial, operando a transformação da consciência e a fruição da arte da vida: “Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente” (1995a, p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas estórias de Guimarães Rosa, a palavra reconta a história; o homem do sertão revisita a sua Cordisburgo e suas memórias mineiras a cada conto, a cada “anedota”, relendo criticamente a realidade e apontando sempre para o homem. Os relatos poéticos em torno da grande personagem do universo ficcional rosiano – os gerais sem tamanho – sugerem ao leitor uma travessia crítica, com o autor, pelas veredas do discurso poético, em direção à vida, propondo sempre questões a respeito da perigosa arte de existir.

Há quase um século, a cultura brasileira e universal convive com a obra desse genial alquimista da palavra, que vem inspirando tantos estudos, suscitando debates, propondo veredas... Entretanto, o seu discurso poético sempre sugere ir mais longe, a perseguir esse manancial inesgotável em que Rosa bebeu – a alma humana, com seus mistérios e paixões.

Abstract

This study presents a reading of the aspects of the folk culture found in Guimarães Rosa's fictional construction process the "Tale-teller of critical tales", in which he confesses: "I do not need to invent tales; the tales come to me". Through the manipulation of words in their primitive state, Rosa shows the fusion of reality and fiction as the obsessive idea that "the legitimate literature must be life". This study discusses the accentuation of the rural legends of Minas Gerais in Rosa's narrative, specifically through his works **Tutaméia** and **Ave, Palavra** and the history and folk stories of the country people of Minas Gerais in Rosa's works. This study also discusses the narrative memory of the people, the construction of the cultural identity of the country people, and the re-creation of the myth: "In the country, the man is the *I* who has yet to find the *You*: that's why in the country the angels or the devil still manipulate the language".

Key words: Fiction; Memory; Folk Culture; Guimarães Rosa; Imaginary.

Referências

- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa**: obra completa. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. p. 78-92.
- COUTINHO, Eduardo F. **Em busca da terceira margem**: ensaios sobre **Grande sertão: veredas**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- COUTINHO, Eduardo F. Guimarães Rosa: um alquimista da palavra. In: ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa**: obra completa. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. p. 11-24.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**: tradução do prefácio de Cromwell. Tradução e notas Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. p. 27-61.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. Dom Riobaldo do Urucuia, cavaleiro dos campos gerais. In: ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a. p. 92-101.

ROSA, João Guimarães. Aletria e hermenêutica. In: **João Guimarães Rosa: obra completa**. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995b. p. 519-526.

ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: obra completa**. v. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995a.

ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: obra completa**. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995b.

SPERGER, Suzi Frankl. **Guimarães Rosa: signo e sentimento**. São Paulo: Ática, 1982.

VANGELISTA, Chiara. Meu Tio Iauaretê: um homem-onça nas fronteiras brasileiras. In: SALVADORE DE DECCA, Edgar; LEMAIRE, Ria. **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas/Porto Alegre: Ed. da Unicamp/Ed. da UFRGS, 2000. p. 55-65.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Isolado. **Revista USP**. Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa. n. 36, São Paulo, USP, dez., jan., fev.1997-1998. p. 75-76.

